



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campus de Aquidauana
Curso de História



JOÃO EZEQUIEL PAIVA SILVA ALVES

***O CÉU PARA OS BASTARDOS* (2023), DE LILIA GUERRA:
um olhar interseccional sobre a literatura afrobrasileira contemporânea**

AQUIDAUANA, DEZEMBRO DE 2025



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campus de Aquidauana
Curso de História



JOÃO EZEQUIEL PAIVA SILVA ALVES

***O CÉU PARA OS BASTARDOS (2023), DE LILIA GUERRA:
um olhar interseccional sobre a literatura afrobrasileira contemporânea***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em História do Campus de
Aquidauana da Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Miguel Rodrigues de
Sousa Neto

AQUIDAUANA, DEZEMBRO DE 2025

RESUMO: O presente trabalho de pesquisa, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFMS (PIBIC 2024–2025), buscou analisar a obra *O céu para os bastardos* (2023), de Lilia Guerra, a partir do diálogo interdisciplinar entre História e Literatura, com ênfase na perspectiva da interseccionalidade. Mulher negra, periférica e escritora paulistana, Guerra elabora uma narrativa marcada por tensões sociais relativas à raça, gênero, classe, geração e territorialidade, evidenciando a experiência de sujeitos historicamente marginalizados. A pesquisa foi desenvolvida em diálogo com o método do historiador, que articula contraste, juxtaposição e interpretação dialética entre texto e contexto, ampliando essa abordagem a partir das contribuições teóricas de Antônio Cândido, Stuart Hall, Gayatri Spivak, Frantz Fanon e bell hooks. Foram realizadas, análise textual da obra *O céu para os bastardos*, leituras sistemáticas, fichamentos, levantamento documental, revisão bibliográfica ampla sobre interseccionalidade, literatura, literatura periférica, e estudos de gênero. Os resultados revelam que a narrativa de Guerra mobiliza estratégias estéticas que internalizam elementos sociais da periferia urbana contemporânea, expondo mecanismos de opressão estruturados historicamente por sexism, racism e desigualdades de classe. As personagens, sobretudo mulheres negras e pobres, encarnam tanto a violência cotidiana quanto formas de resistência e autonomia. Ao representar esses corpos subalternizados e invisibilizados, a obra demonstra como múltiplos marcadores sociais se entrecruzam e constituem experiências específicas de dominação, confirmando a importância analítica da interseccionalidade. Conclui-se, portanto, que a análise da obra de Guerra confirma que a literatura pode atuar como instrumento de denúncia e transformação social. Ao dar visibilidade a sujeitos marginalizados, a autora desafia discursos hegemônicos e propõe novas possibilidades de representação. O estudo reforça a importância de abordagens interseccionais na crítica literária, demonstrando que as opressões não operam isoladamente, mas de forma entrelaçada. A interseccionalidade como ferramenta de análise é vista como uma das formas de enfrentar opressões múltiplas e sobrepostas, constituindo-se, assim, em um instrumento de luta política. Diante disso, a pesquisa contribui para ampliar a compreensão sobre o papel da História e da literatura na construção de narrativas plurais e emancipadoras no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Interseccionalidade; Periferia; Gênero; Raça; Lilia Guerra.

ABSTRACT: This research, developed within the scope of the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships at UFMS (PIBIC 2024–2025), analyzes the novel *O céu para os bastardos* (2023), by Lilia Guerra, through an interdisciplinary dialogue between History and Literature, with emphasis on the perspective of intersectionality. A Black, peripheral, and São Paulo-born writer, Guerra constructs a narrative marked by social tensions related to race, gender, class, generation, and territoriality, highlighting the lived experiences of historically marginalized subjects. The research was developed in dialogue with the historian's method, which articulates contrast, juxtaposition, and dialectical interpretation between text and context, expanding this approach based on the theoretical contributions of Antônio Cândido, Stuart Hall, Gayatri Spivak, Frantz Fanon, and bell hooks. The research procedures included textual analysis of *O céu para os bastardos*, systematic readings, note-taking, documentary investigation, and an extensive bibliographical review on intersectionality, literature, peripheral literature, and gender studies. The results reveal that Guerra's narrative mobilizes aesthetic strategies that internalize social elements of the contemporary urban periphery, exposing mechanisms of oppression historically structured by sexism, racism, and class inequalities. The characters—especially Black and poor women—embody both everyday violence and forms of resistance and autonomy. By representing these subalternized and silenced bodies, the novel demonstrates how multiple social markers intersect to shape specific experiences of domination, confirming the analytical importance of intersectionality. Thus, the study concludes that Guerra's work shows how literature can function as an instrument of social denunciation and transformation. By giving visibility to marginalized subjects, the author challenges hegemonic discourses and proposes new possibilities of representation. The research reinforces the relevance of intersectional approaches in literary criticism, demonstrating that systems of oppression do not operate in isolation, but in an intertwined manner. Intersectionality as an analytical tool is seen as one of the ways to confront multiple and overlapping oppressions, thus constituting an instrument of political struggle. In this context, the research contributes to broadening the understanding of the role of History and Literature in the construction of plural and emancipatory narratives in contemporary Brazil.

Keywords: Brazilian literature; Intersectionality; Urban periphery; Gender; Race; Lilia Guerra.

ALVES, João Ezequiel Paiva Silva. *O céu para os bastardos* (2023), de Lilia Guerra: um olhar interseccional sobre a literatura afrobrasileira contemporânea. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Curso de História, Campus de Aquidauana, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana-MS, 2025.

Trabalho de Conclusão de Curso APROVADO pela
Banca Examinadora, reunida em 3 de dezembro de 2025:

Miguel Rodrigues de Sousa Neto, presidente

Aguinaldo Rodrigues Gomes, arguidor

Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso, arguidor

***O céu para os bastardos* (2023), de Lilia Guerra:
um olhar interseccional sobre a literatura afrobrasileira contemporânea**

João Ezequiel Paiva Silva Alves

Introdução

A literatura brasileira contemporânea tem ampliado suas margens nos últimos anos para acolher vozes que foram historicamente silenciadas, especialmente aquelas que emergem das periferias, dos corpos racializados e de grupos e sujeitos marginalizados. Entre essas vozes, destaca-se Lilia Guerra, escritora negra e periférica cuja obra *O céu para os bastardos* articula experiências de sofrimento, resistência e reinvenção da vida cotidiana em um território marcado pela vulnerabilidade social e abandono estatal.

Este artigo propõe analisar a obra a partir do conceito de interseccionalidade, termo que foi cunhado pela teórica feminista Kimberlé Crenshaw em 1989, compreendido como uma poderosa ferramenta analítica capaz de captar o entrecruzamento de múltiplas dimensões de opressão, como: raça, gênero, classe, geração e territorialidade.

A pergunta central que orienta o estudo é: como a interseccionalidade em diálogo com a história pode contribuir para compreender a representação literária de sujeitos subalternizados na obra *O céu para os bastardos*, e o que isso revela sobre a sociedade brasileira contemporânea? A interseccionalidade não se limita à compreensão das identidades, mas opera como uma epistemologia capaz de interromper as hegemonias, oferecendo uma sensibilidade analítica que aprofunda a leitura das disputas de poder. Nesse sentido, conforme destaca Patrícia Hill Collins, a interseccionalidade permite revelar estruturas de dominação que permanecem naturalizadas no tecido social.

A escolha da obra se justifica porque Lilia Guerra, enquanto mulher negra e escritora oriunda da periferia paulista, produz uma ficção ancorada em experiências sociais compartilhadas, mobiliza referências do cotidiano periférico para construir narrativas que dialogam com realidades marcadas por desigualdades, violência e resistência. A autora se insere na tradição da literatura marginal ou periférica, mas com forte marca feminista e racial, tensionando limites da representação brasileira.

Teoricamente, a pesquisa dialoga com autores centrais dos estudos feministas e culturais, como Crenshaw (1989, 1991), Collins (2016), Pereira (2021), Hirata (2014), Hall (2016), Fanon (2008), Spivak (2010), hooks (2019) e Jameson (1992).

Metodologicamente, apoia-se no método do historiador e na análise literária crítica, conforme Antônio Cândido (2011), destacando o diálogo entre texto e contexto, literatura e sociedade. Assim, o trabalho busca contribuir para a compreensão das formas de representação de grupos historicamente marginalizados e para o debate sobre literatura como instrumento político, epistemológico e social.

A revisão de literatura deste trabalho está organizada em eixos que fundamentam a análise da obra *O céu para os bastardos*. O primeiro eixo trata da formação conceitual e crítica da interseccionalidade. Nele, discute-se: (1) os Fundamentos da Interseccionalidade, retomando suas origens e transformações a partir de autoras como Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, Gabriela M. Kyrillos e Bruna Cristina Jaquetto Pereira; (2) as Tensões e Críticas Internas ao Conceito, destacando debates sobre sua abrangência, seus limites e sua aplicação em diferentes campos do conhecimento, inclusive na literatura; e (3) a Crítica Feminista e Literatura, examinando as contribuições da crítica feminista, especialmente no contexto brasileiro, e sua articulação com as questões de gênero, raça e classe, que também atravessam a literatura periférica.

O segundo eixo aborda as contribuições de Antonio Cândido e os Estudos de Gênero, Sexualidade e Diferenças. Nesse conjunto, analisa-se como a perspectiva sociológica e estética de Cândido permite compreender a literatura como fenômeno indissociável do social, ideia fundamental para a leitura de *O céu para os bastardos*, em que desigualdade racial, violência de gênero e pobreza estruturam o enredo e a construção das personagens. Em diálogo com esse entendimento, discute-se ainda como a literatura e os estudos de gênero, sexualidade e diferenças contribuem para a análise das representações de sexualidade, gênero e identidade, ampliando o olhar para as múltiplas formas de subjetividade presentes na obra.

Por fim, o terceiro eixo é dedicado à análise da escrita de Lilia Guerra e da literatura periférica. Nesse item, examina-se como a autora se insere nesse campo de produção literária comprometido com a visibilidade de sujeitos marginalizados, contribuindo para o debate ao reelaborar e aprofundar as experiências das mulheres negras e periféricas no Brasil contemporâneo.

Cada item é estruturado para não apenas fornecer um panorama teórico sobre os temas centrais da pesquisa, mas também para aplicar esses conceitos à análise da obra *O céu para os bastardos*. Além disso, a pesquisa se utiliza de diversas fontes secundárias, como artigos acadêmicos, livros e dissertações, que fornecem o arcabouço teórico necessário para a análise da interseccionalidade e da literatura periférica. Os textos discutidos ao longo da revisão de literatura são fundamentais para entender as abordagens teóricas adotadas neste trabalho e para embasar a interpretação dos temas abordados por Lilia Guerra em sua obra.

Nosso objetivo é analisar a obra *O céu para os bastardos* de Lilia Guerra, a partir do diálogo interdisciplinar entre História e Literatura, com foco na compreensão das representações de sujeitos marcados por suas diferenças no contexto brasileiro contemporâneo, através de uma análise histórica e interseccional. Adicionalmente, buscamos:

- Investigar como a obra de Lilia Guerra, *O céu para os bastardos*, articula as relações de opressão e resistência no Brasil contemporâneo, com ênfase nas experiências de mulheres negras e periféricas, analisando a maneira como a autora apresenta os conflitos de gênero, raça, classe e território na obra.
- Analisar a interseccionalidade na narrativa da autora, e em outros textos complementares, explorando como diferentes marcadores sociais se entrelaçam nas trajetórias das personagens, sobretudo nas figuras femininas que transitam pela complexidade das múltiplas opressões que compõem sua existência.
- Estudar a representação de sujeitos subalternizados na literatura brasileira, a partir da escrita de uma mulher negra e periférica, e como esses sujeitos se inserem nas narrativas de resistência e sobrevivência presentes na obra.
- Desenvolver uma análise crítica sobre a função social da literatura periférica, levando em consideração a contribuição da obra de Guerra para os debates sobre desigualdade social, racismo, sexism e as lutas por direitos das comunidades marginalizadas.
- Refletir sobre a relação entre a literatura e a construção da memória social, considerando como a obra de Guerra, ao abordar a vida na periferia, se insere na tradição da literatura marginal e contribui para a reconfiguração das representações literárias das favelas e da periferia urbana no Brasil.
- Explorar as contribuições da história em diálogo com interseccionalidade como conceito metodológico e teórico, para compreender a interdependência entre os fatores sociais e a maneira como eles estruturam a literatura como uma forma de resistência e expressão dos sujeitos oprimidos.

A interseccionalidade: fundamentos teóricos

Com o passar do tempo, a utilização do termo da interseccionalidade tem se intensificado no Brasil, e tem ganhado cada vez mais espaço nos debates e nas mais diversas pesquisas acadêmicas. “Foi Kimberlé Crenshaw, jurista estadunidense, quem a nomeou em 1989 e quem, posteriormente, desenvolveu algumas das mais importantes elaborações teóricas sobre esse conceito.” (KYRILLOS, 2020, p. 1)

De acordo com KYRILLOS (2020), a interseccionalidade é comumente usada como conceito analítico em várias pesquisas, especialmente porque ela ajuda a analisar contextos e teorias considerando não apenas o gênero, mas outras categorias também. A autora destaca que uma das principais contribuições dos estudos baseados nessa teoria é a ruptura com análises monolíticas, além de sua popularização (p. 1).

A partir de uma crítica às análises baseadas exclusivamente em gênero ou raça, Crenshaw (1989) afirma que abordagens que tratam essas categorias de forma isolada acabam produzindo um apagamento teórico das mulheres negras, especialmente no que diz respeito à identificação e ao enfrentamento das discriminações racial e sexual. Segundo a autora, estudos tradicionais sobre racismo tendem a privilegiar homens negros de classes mais altas, enquanto análises sobre sexismo frequentemente tomam como referência mulheres brancas e privilegiadas. Assim, simplesmente incluir “mulheres negras” nessas abordagens não é suficiente para compreender adequadamente a discriminação combinada que esse grupo enfrenta (PEREIRA, 2021, p. 447).

Em seus trabalhos posteriores (1991; 2002), Crenshaw passa a enfatizar que a realidade social é composta por sistemas múltiplos e interligados de subordinação, que produzem experiências sociais sempre multidimensionais. Por isso, análises eficazes devem partir dos grupos que ocupam a posição de maior desvantagem dentro de um sistema — no caso, mulheres negras — para que políticas e reflexões acadêmicas realmente abranjam todos os afetados. PEREIRA (2020) observa ainda que a interseccionalidade nasce de preocupações com grupos invisibilizados, articulando uma vocação simultaneamente teórica e política, comprometida com o combate à marginalização e com a promoção da justiça social. Além disso, a autora mostra que Crenshaw amplia o conceito ao reconhecer que gênero, raça e classe se articulam com outros eixos, como etnia, nacionalidade, sexualidade, geração ou deficiência,

configurando sistemas de opressão sobrepostos e entrecruzados, cujos efeitos variam conforme suas combinações específicas (PEREIRA, 2021, p. 447).

Uma das contribuições centrais de Crenshaw consiste em mostrar que, quando a análise social se restringe apenas ao gênero ou apenas à raça, os desafios vividos por grupos posicionados na sobreposição de múltiplos sistemas de discriminação tendem a permanecer invisibilizados. Para ilustrar essa dinâmica, a autora utiliza a metáfora do cruzamento entre ruas (*intersection*), sugerindo que determinados sujeitos, como as mulheres negras, ocupam precisamente o ponto onde dois ou mais eixos de poder se encontram, produzindo assim, formas específicas de vulnerabilidade e exclusão que não podem ser compreendidas por abordagens unidimensionais, analisadas apenas por um único aspecto. (PEREIRA, 2021, p. 448, com base em Crenshaw, 2002).

Logo então, a interseccionalidade pode ser compreendida como uma ferramenta analítica capaz de apreender as múltiplas formas de opressão que operam simultaneamente. Sob essa perspectiva, os processos discriminatórios não são analisados de maneira isolada, nem reduzidos a uma simples soma de desigualdades. Ao contrário, a interseccionalidade reconhece a complexidade dos cruzamentos entre diferentes sistemas de dominação e busca compreender as condições específicas que emergem dessas articulações. Trata-se, portanto, de uma abordagem que permite observar como categorias como gênero, raça, classe, sexualidade, geração e outras operam de forma dinâmica, produzindo efeitos distintos conforme sua combinação em contextos históricos e sociais específicos.

A interseccionalidade, conforme retomada na literatura crítica contemporânea, aponta que os eixos de discriminação e subordinação são historicamente constituídos e não operam da mesma forma em todos os tempos e lugares; assim, as categorias relevantes e as combinações que mais oprimem variam conforme o contexto específico. Por isso, Crenshaw recomenda a construção de modelos provisórios e análises “de baixo para cima”, que partam da realidade dos grupos marginalizados para identificar as categorias e processos de discriminação pertinentes a cada situação (PEREIRA, p. 448)

Patricia Hill Collins e Sirma Bilge qualificam essa abertura conceitual ao entenderem a interseccionalidade também como uma “ferramenta heurística” (Collins e Bilge 2016, 4), isto é, um recurso analítico flexível para investigar fenômenos sociais e orientar práticas de justiça social.

Esses fundamentos são essenciais para analisar *O céu para os bastardos*, pois as personagens vivem exatamente no ponto de encontro entre gênero, raça, classe e território.

A interseccionalidade consolidou-se, nas últimas décadas, como uma das ferramentas mais significativas para analisar as desigualdades sociais. Embora o termo tenha sido formalmente cunhado por Kimberlé Crenshaw no final dos anos 1980, Kyrillos (2020) defende que ele é fruto de um acúmulo histórico de reflexões desenvolvidas por mulheres negras em diferentes contextos e épocas. Essas autoras e ativistas denunciaram, desde muito antes, sua exclusão dos debates feministas hegemônicos e dos movimentos antirracistas tradicionais.

É a partir desse princípio que Gabriela Kyrilos, em seu texto *Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade*, propõe uma análise crítica dos antecedentes desse conceito, com o objetivo de reconstituir os fios históricos e políticos que tornaram possível o surgimento da interseccionalidade como uma ferramenta teórica de grande impacto nos estudos sociais contemporâneos.

Para a autora, reconhecer essa origem não é apenas um gesto de justiça epistêmica, mas uma forma de preservar o potencial crítico-transformador do conceito, evitando que se torne um recurso “esvaziado ou meramente persuasivo” (KYRILLOS, 2020, p. 10).

Segundo Kyrilos (2020), antes mesmo de Crenshaw, mulheres como Sojourner Truth, Lélia Gonzalez e o coletivo Combahee River Collective já articulavam críticas às limitações dos feminismos e dos movimentos antirracistas.

É fundamental partir do entendimento de que a ideia basilar que a interseccionalidade transmite é uma preocupação que existia dentro dos movimentos sociais e de textos teóricos desde muito antes do surgimento do conceito e de sua apropriação pelo mundo acadêmico. (KYRILLOS, 2020, p. 2)

No entanto, a autora alerta para o apagamento histórico que marca o uso contemporâneo do termo, especialmente no Brasil. Tal invisibilização, segundo Kyrilos (2020, p. 2), não é apenas histórica, mas epistêmica, isto é, envolve a “negação do direito de certos grupos de serem reconhecidos como produtores legítimos de conhecimento” (KYRILLOS, 2020, p. 02). Essa perspectiva dialoga com o conceito de “epistemocídio”, desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos (2007), ao descrever como saberes produzidos fora dos centros hegemônicos são marginalizados ou deslegitimados.

Boaventura de Sousa Santos, em *Epistemologias do Sul* (2009), afirma que a epistemologia ocidental, originada no contexto colonial, é estruturada pelo pensamento da “linha abissal epistemológica”:

Essa forma de pensamento divide o mundo em dois lados: um lado onde se encontram o útil, o inteligível e o visível, e outro lado onde residem o inútil, o perigoso e o esquecido. Para o autor, essa lógica abissal persiste até nos dias de hoje, mesmo após o fim da era colonial, afetando a compreensão e a interação com o mundo. Ele critica a forma como a epistemologia dominante sobretudo ocidental, exclui certas experiências e saberes não europeus, perpetuando desigualdades. (SANTOS, 2009, p. 13)

Qualificando assim, o processo de silenciamento sistemático das formas de conhecimento produzidas fora dos centros hegemônicos do saber. Logo então o epistemicídio, expresso por Santos, pode ser compreendido como uma extensão do genocídio, funcionando como um dos meios mais eficazes e duradouros de dominação racial, pois ao reforçar a negação da legitimidade desses conhecimentos, afeta também o reconhecimento da população oprimida e marginalizada, como titulares de direitos. Segundo Santos:

A transformação do saber e do conhecimento em algo que pode ser objeto de apropriação privada, separado dos que o produzem, transportado, comprado e vendido, sujeito a formas de direito de propriedade estranhas ao contexto em que esse saber ou conhecimento foi produzido e apropriado coletivamente corresponde, de facto, a uma operação de eliminação obscurantista de saberes e de experiências, em nome da sua racionalização e da sua subordinação aos cânones epistemológicos associados à ciência moderna. Esse resultado pode ser obtido, assim, através de dois caminhos: o da destruição física, material, cultural e humana, e o da incorporação, cooptação ou assimilação. (Santos, 2007b, p. 9)

Um dos pontos centrais do argumento de Kyrrilos é que a interseccionalidade foi, em grande parte, resultado da luta dessas mulheres por reconhecimento político e epistêmico. Não se tratava, inicialmente, de uma teoria acadêmica, mas de uma forma de leitura do mundo a partir de uma posição social específica. Essa leitura articulava as diversas dimensões da opressão vivida cotidianamente, recusando qualquer tentativa de hierarquização entre elas. A própria prática política dessas mulheres já era, portanto, interseccional, mesmo que o termo ainda não estivesse formalizado.

A autora critica, assim, a tendência de parte da academia de adotar a interseccionalidade como um conceito descolado de sua genealogia política. Para ela, é fundamental reconhecer que o conceito tem raízes no ativismo de base, nas experiências

coletivas das mulheres negras que, ao se organizarem, denunciaram a insuficiência de uma análise centrada apenas no gênero ou apenas na raça. Essa crítica de Kyrillos portanto é direcionada à forma como o conceito foi apropriado pela academia e por instituições. Ela alerta para o risco de um dito, “esvaziamento político” da interseccionalidade, especialmente quando ela é aplicada como um “instrumento neutro”, descolado de sua origem nos movimentos sociais:

Assim sendo, é importante rejeitar eventuais entendimentos que ignoram ou minimizam que a origem da interseccionalidade está relacionada com os movimentos sociais e, portanto, seu surgimento e potencial não se reduz à compreensão e aos limites impostos pela/na academia. Mais do que uma imprecisão teórica, apagar o histórico da origem da interseccionalidade tende a promover o silenciamento de um grande grupo de mulheres negras e contribui para que gradativamente o conceito da interseccionalidade perca sua força e potência crítica. (KYRILLOS, 2020, p. 8)

Kyrilos insiste na necessidade de “repolitizar” a interseccionalidade, devolvendo assim sua consistência histórica e seu vínculo com as lutas sociais de base.

Por essa razão, Carastathis (2016), assim como Collins e Bilge (2016), traça a trajetória da interseccionalidade na esfera dos movimentos sociais dos Estados Unidos e evidencia que a interseccionalidade, antes de ser nomeada na academia por Kimberlé Crenshaw, já era parte da práxis de um grande número de pessoas e grupos que militavam por acesso a direitos e pela eliminação das desigualdades sociais.” (KYRILLOS, 2020, p. 8)

Reconhecer os antecedentes do conceito não é apenas fazer justiça com as autoras e ativistas que vieram antes, mas também afirmar que a produção de conhecimento é uma prática situada e comprometida. É necessário manter viva a memória dos movimentos de mulheres negras que, em diferentes contextos, já elaboravam visões complexas sobre a opressão e a resistência. Nesse sentido, a autora propõe uma retomada crítica da interseccionalidade, com base em sua origem insurgente. Kyrilos afirma:

foi possível reconhecer que a interseccionalidade veio suprir uma lacuna analítica – dentro do campo científico-acadêmico – sobre as relações de opressão que surgem para além das relações de gênero e que com ela dialogam. Ao considerar que a experiência cotidiana das pessoas envolve simultaneamente diversas categorias identitárias que socialmente constituem distintos marcadores sociais de desigualdade, a interseccionalidade buscou contribuir para análises que lidem melhor com a complexidade existente no mundo.” (KYRILLOS, 2020, p. 11)

Por fim, a autora conclui que a interseccionalidade deve ser usada com responsabilidade teórica e política.

É preciso que as contribuições teóricas e acadêmicas em torno do conceito reconheçam que são tributárias de lutas, reivindicações e teorias que têm como principais agentes as mulheres negras. Somente dessa forma é possível que o conceito não perca seu potencial realmente transformador e que sua utilização não reforce o silenciamento e o apagamento das importantíssimas contribuições que historicamente e contemporaneamente são concretizadas pelas mulheres negras na teoria e na prática feminista.” (KYRILLOS, 2020, p.11)

Nas palavras de Kyrillos: “a interseccionalidade só faz sentido quando vinculada às lutas concretas das mulheres negras e racializadas, pois foi dessas experiências que ela emergiu” (KYRYLLOS, 2020, p. 11).

Laissy Taynã da Silva Barbosa (2018), em sua dissertação *Interseccionalidade na literatura de autoria feminina*, investiga como a categoria de interseccionalidade pode ser utilizada como ferramenta de análise crítica da literatura escrita por mulheres, com foco na representação de personagens femininas em diferentes contextos, como na escravidão. A autora parte da constatação de que a literatura de autoria feminina historicamente enfrentou invisibilidade e exclusão dos cânones literários, propondo que a leitura interseccional permite “reconhecer e analisar o espaço físico, social e simbólico ocupado por personagens mulheres, observando como gênero, raça e classe se entrelaçam na narrativa” (BARBOSA, 2018, p. 10).

Para o *corpus* de análise, Barbosa seleciona *A ilha sob o mar* (2014), de Isabel Allende, e *Compaixão* (2009), de Toni Morrison, por serem romances históricos que abordam a escravidão e permitem articular múltiplas opressões em diferentes contextos geográficos e culturais, pretendendo assim, pensar a relação do espaço por meio das personagens femininas nas narrativas, além de evidenciar o espaço social em que tais personagens foram construídas:

Considerando a condição feminina no período colonial representado nas narrativas de Allende e Morrison, tenho como intuito, também, discutir a interseccionalidade³ das autoras nas obras. Desse modo, os critérios considerados para a definição do corpus foram os seguintes: 1) as duas obras são narrativas contemporâneas de autoria feminina; 2) as temáticas retratam o período de colonização em dois espaços díspares (Haiti e Estados Unidos da América), mas interligados por possibilitarem a reflexão crítica acerca do período de escravidão; 3) problematizam a representação do papel social da mulher e do corpo feminino – evidenciando o corpo feminino negro, marcado pela diferença em relação ao outro; 4) Allende e Morrison possuem uma grande fortuna crítica e ambas se posicionam como militantes em movimentos, como feminismo e negro, respectivamente, que buscam igualdade de direitos e respeito às diferenças (BARBOSA, 2018, p. 10).

As duas autoras escolhidas são apresentadas como “vozes contraventoras” do cânone (BARBOSA, 2018, p. 17), cada qual desafiando estruturas hegemônicas em sua escrita. Allende, escritora chilena, insere vozes subalternas e elementos do realismo mágico na tradição pós-boom latino-americana (ou internacionalização do romance latino-americano), tratando de temas como opressão de gênero e colonialismo (p. 17–21). Morrison, escritora afro-americana e vencedora do Nobel, tem como marca o resgate da memória histórica do povo negro, valendo-se de múltiplas vozes narrativas e da oralidade afro-americana para representar a experiência negra nos Estados Unidos (p. 22–24). Apesar de suas diferenças contextuais, ambas “dialogam com movimentos sociais e reconfiguram o espaço narrativo para dar lugar às personagens femininas”:

Assim, considero Isabel Allende e Toni Morrison figuras importantes na literatura de autoria feminina americana. Embora as autoras sejam de lugares diferentes e suas narrativas retratem espaços distintos, elas evidenciam vozes historicamente apagadas, bem como representam um estigma colonial: a escravidão (BARBOSA, 2018, p. 24).

A base teórica é fundamentada na crítica literária feminista entendida como “desobediência epistêmica” (p. 25), retomando reflexões de Virginia Woolf, que desenvolveu textos ensaísticos, que discutiam o espaço que a mulher ocupava no meio literário e social e que passaram a ser vistos como fundadores da crítica feminista, e sobre a necessidade de “um teto todo seu” (*a roof of one's own*) ou seja, de um espaço próprio para escreverem, assim como renda própria para a manutenção dos gastos cotidianos, como condição material e simbólica para a escrita feminina (p. 25–26), de Elaine Showalter sobre a distinção entre crítica revisionista e ginocrítica (p. 27-28) e de Hélène Cixous sobre a *écriture féminine* como forma de inscrever a diferença do corpo feminino no texto (p. 28–29).

Essa abordagem amplia-se com a crítica feminista negra, que surge como reação à hegemonia do feminismo branco e de classe média. Nomes como Barbara Smith e Patricia Hill Collins reforçam que as mulheres negras desenvolveram “seus próprios meios de resistência” e paradigmas críticos específicos (p. 32–36), que valorizam a tradição literária afro-americana e desconstroem estereótipos raciais e sexistas.

A categoria gênero é abordada de forma não essencialista, como construção histórica e relacional, que deve ser analisada nas interseções com raça e classe (p. 36–39). Barbosa reforça que a crítica feminista “politiza o que sempre foi político” (p. 40), problematizando a suposta neutralidade do cânone e das interpretações literárias.

Outro eixo central do estudo de Barbosa refere-se ao modo como corpo, casa e lugar social são utilizados nas obras como marcadores de opressão e resistência. Inspirando-se em Elôdia Xavier, Barbosa observa que o espaço físico pode ser tanto um lugar de aprisionamento quanto de resistência (p. 40–44). A metodologia comparativa organiza as personagens em pares, uma de Allende e uma de Morrison, para observar estereótipos e estratégias narrativas de resistência.

Nas personagens de *A ilha sob o mar*, Eugênia é apresentada como mulher branca submetida ao casamento arranjado e ao disciplinamento social de seu corpo, sendo diagnosticada com “doença dos nervos” (p. 44). Zarité, ex-escrava e narradora, vivência exploração sexual e maternidade forçada, representando o corpo negro erotizado e racializado (p. 47–48). Violette, mestiça, é caracterizada como “corpo forte”, articulando resiliência e resistência às lógicas coloniais (p. 50–51). Rosette, filha de Zarité com o patrão, simboliza a vulnerabilidade e a violência sexual sofrida por mulheres negras, vivendo “entre mundos” e identidades (p. 52).

Em *Compaixão*, Rebekka, mulher branca, espelha Eugênia como “corpo disciplinado” (p. 55–56). Florens, narradora negra, traduz em sua voz fragmentada a experiência de trauma e sexualização do corpo negro (p. 56–59). Lina, indígena, carrega a memória de seu povo e encarna um “corpo forte” e resistente (p. 60). Sorrow, negra, é vítima de estigmatização e violência sexual, representando o “corpo violentado” (p. 61).

A leitura comparativa do espaço social mostra como esses pares de personagens encarnam estereótipos coloniais e patriarcais: corpos disciplinados (Eugênia e Rebekka), corpos erotizados (Zarité e Florens), corpos fortes (Violette e Lina) e corpos violentados (Rosette e Sorrow) (p. 64–78). Essa classificação demonstra que as personagens não podem ser compreendidas apenas pelo recorte de gênero; suas experiências são constituídas pela intersecção entre raça, classe, origem e posição social.

Por fim, Barbosa propõe o conceito de escrituras interseccionais, em que gênero, raça e classe não são apenas categorias teóricas externas, mas princípios estruturantes da própria narrativa. Allende e Morrison utilizam múltiplas vozes, fragmentação temporal e alternância de narradores para dar forma a experiências subalternas e transculturais (p. 79–83). Esse modo de escrever incorpora múltiplas vozes, fragmentação narrativa e uma estética comprometida com vidas de grupos de sujeitos subalternizados.

Assim, a interseccionalidade é tratada tanto como teoria crítica quanto como prática estética. A autora conclui que essas obras “produzem leituras interseccionais do período colonial” (p. 87) e reforçam a necessidade de reconhecer e valorizar a pluralidade de vozes na literatura.

Desse modo, as contribuições da crítica feminista, especialmente em sua articulação com raça, classe e outras formas de opressão, oferecem o arcabouço necessário para compreender a força estética e política da literatura periférica contemporânea. As reflexões trazidas por Barbosa (2018) mostram como autoras mulheres, negras e subalternizadas reescrevem a história de modo insurgente, visibilizando experiências silenciadas e produzindo narrativas que funcionam como formas de resistência. Essa mesma dinâmica se evidencia na escrita por Lilia Guerra, cuja obra *O céu para os bastardos* mobiliza corpos violentados e corpos resistentes, diferentes experiências, trajetórias periféricas e um espaço urbano marcado pela desigualdade como elementos estruturantes da narrativa. Assim como Allende e Morrison, a escritora Lilia Guerra cria escrituras interseccionais que tensionam o cânone literário hegemônico e evidenciam a pluralidade das experiências femininas e racializadas no Brasil contemporâneo. Essa aproximação demonstra que a crítica feminista não apenas fundamenta, mas potencializa a leitura interseccional da literatura periférica, permitindo reconhecer como essas narrativas produzem epistemologias próprias, “desobedientes” e profundamente comprometidas com a visibilidade das vidas subalternizadas.

A partir dessas discussões sobre crítica feminista e literatura, torna-se possível avançar para uma compreensão mais ampla das relações entre a obra e a sociedade, tema central do próximo eixo. As contribuições de Antonio Cândido, encontradas em sua já clássica obra *Literatura e Sociedade* (1965) oferecem uma ferramenta decisiva para essa análise, ao defender que toda obra literária é simultaneamente forma estética e produto social. Essa perspectiva dialoga diretamente com a leitura interseccional de *O céu para os bastardos*, na medida em que os conflitos vividos pelas personagens na obra, são marcados pela desigualdade racial, violência de gênero e pobreza — revelam como elementos sociais se tornam estruturantes da própria narrativa. Assim, Cândido permite articular estética e crítica social, aprofundando a leitura das múltiplas camadas de opressão presentes na obra de Lilia Guerra.

Análise da literatura

O pensamento de Antônio Cândido sobre as relações entre literatura e sociedade oferece uma das bases mais sólidas para compreender como a produção literária articula, simultaneamente, forma estética e experiência social. Em *Literatura e Sociedade* (1965), propõe uma análise profunda sobre a relação entre a produção literária e os contextos sociais e históricos nos quais ela emerge, em suas páginas, a obra discute como as obras literárias não são apenas manifestações artísticas, mas também produtos de um dado momento histórico, refletindo e influenciando a sociedade de maneira complexa.

A ideia central da obra, é que a literatura não é um fenômeno isolado, mas sim uma construção que se alimenta de múltiplos fatores sociais, culturais, econômicos e políticos. Cada período histórico oferece uma visão de mundo específica que, por sua vez, impacta a literatura produzida naquele contexto. Em outras palavras é possível dizer que, os escritores e suas obras conversam diretamente com a realidade que os cerca, seja ela uma realidade de luta política, transformações sociais ou crises econômicas.

Cândido defende também o complemento entre as diversas áreas do conhecimento, analisando o vínculo entre a obra e o ambiente, não deixando de lado a análise estética do relato literário. Em suas palavras: “Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” (CANDIDO, p. 14)

Segundo Cândido, em relação ao direito à literatura, em uma entrevista, disponibilizada para o público por meio do canal Roda Educativa, na plataforma de streaming online YouTube, diz o seguinte:

A literatura é uma necessidade universal experimentada em todas as sociedades, enriquecendo a visão de mundo das pessoas. O direito à literatura está intimamente ligado à justiça social e à acessibilidade para todos os grupos e classes sociais. A literatura, ao ser acessível a todos os grupos sociais, enriquece a maneira como as pessoas veem a vida, desde contos de fadas até obras clássicas. A literatura não apenas enriquece o ser humano, mas também é um direito fundamental de todos os indivíduos, conectando-se diretamente à justiça social e à igualdade de acesso. (CANDIDO, 2014)

Cândido argumenta que “A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” (p. 84)

Segundo FARIA (2000) em sua resenha sobre a obra *Literatura e Sociedade*, Cândido propõe seis modalidades de abordagem sociológica na literatura, desde os estudos que relacionam períodos literários às condições sociais até investigações sobre o papel do escritor, a função política das obras e a recepção pelos leitores. Para o autor, nenhuma dessas abordagens, isoladamente, é suficiente; o que importa é compreender que toda obra se inscreve numa circulação simbólica e num sistema de comunicação que depende da interação entre autor, obra e público. A literatura, portanto, é social em dois sentidos: receptiva, porque absorve condições históricas; e expressiva, porque devolve ao mundo uma interpretação configurada esteticamente (CANDIDO, 1965).

Embora Antônio Cândido não utilize o termo “interseccionalidade”, suas formulações permitem uma aproximação profunda com esse exemplo. Quando Cândido insiste que o social se torna interno à estrutura da obra, abre espaço para leituras que consideram como raça, gênero, classe e sexualidade moldam tanto as personagens quanto a lógica narrativa. Seu entendimento de literatura como fenômeno coletivo possibilita perceber como diferentes eixos de opressão aparecem interiorizados nas formas simbólicas que estruturam a narrativa.

Leituras interseccionais atuais, podem dialogar com Cândido ao reconhecer que a obra literária não apenas espelha desigualdades, mas as transforma em significados estéticos que produzem impacto no leitor. A literatura periférica, nesse sentido, fortalece o ponto de Cândido de que a arte pode nascer do enfrentamento às condições sociais, funcionando como expressão e denúncia.

A obra *O céu para os bastardos*, de Lilia Guerra, confirma algumas afirmações de Cândido: o social não está apenas representado na literatura, ele é parte constitutiva da sua forma. As personagens de Guerra vivem em condições marcadas por desigualdade racial, violência de gênero, pobreza urbana, abandono estatal, e múltiplos estigmas que afetam suas trajetórias. Esses elementos não aparecem como pano de fundo, mas como forças estruturantes da narrativa, moldando linguagem, ritmo, conflitos e sensibilidade estética.

A obra de Guerra incorpora, de maneira estética, tudo aquilo que Cândido chamou de “fermento orgânico”: um conjunto de forças sociais que, ao invés de enfraquecer a obra, tornam-se sua potência literária. “[...] possibilita um estudo mais aprofundado e estruturado em bases históricas, sociológicas e críticas. Segundo esta ótica, o ângulo

sociológico adquire uma real validade científica. Tende-se assim a uma pesquisa mais concreta.” (FARIA, 2000, p. 486)

O conceito de literatura *estudos de gênero, sexualidade e diferenças*, que emergiu das margens da teoria literária e da crítica feminista, oferece uma ferramenta robusta para a análise das representações de sexualidade, gênero e identidade na literatura contemporânea. Esse campo de estudos, conforme Louro (2009), se caracteriza não apenas pela análise de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, mas por uma aproximação transgressiva que sobretudo desafia as normatividades de gênero e sexualidade, propondo novas formas de viver no mundo e desconstruindo categorias fixas de identidade. Para Córdoba (2007), a teoria estudos de gênero, sexualidade e diferenças é essencialmente um ato de intervenção política que desloca a autoridade acadêmica, propondo uma leitura literária que assume a ambiguidade e o não-lugar como seus próprios.

Córdoba acrescenta que a teoria *estudos de gênero, sexualidade e diferenças* implica em um ato de provocação e reivindicação política: “un cierto acto político de intervención enunciativa” que desloca a autoridade acadêmica a partir de suas margens. (2007, p. 23)

O final do século XX foi um período crucial para a “latinização” dos Estados Unidos, que, conforme Torres (2001), representou uma crescente visibilidade da cultura latina, embora em condições de forte marginalização. Nesse cenário, autores latinos começaram a destacar a dualidade de suas existências em um país que, embora fosse o novo lar da maior “minoria étnica”, continuava a negar a plena aceitação e integração dessa cultura ao espaço hegemônico anglo-saxão.

A diáspora latino-americana nos Estados Unidos, portanto, mesmo que se configure como a maior minoria étnica do país, segue ocupando um espaço marginalizado. É curioso perceber, nesse contexto, como muitos desses indivíduos são oprimidos em favor da cultura hegemônica com a qual se relacionam em um território que antes lhes pertencia – como é o caso dos chicanos ou mexicanos-americanos – uma vez que o que hoje é o sudoeste dos Estados Unidos foi, inicialmente, colonizado por espanhóis, tornando-se território do México após sua independência; apenas após a guerra entre Estados Unidos e México e com a assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo é que esse território se tornou estadunidense”. (TORRES, 2001, Apud FERREIRA,OLIVEIRA, 2018, p. 76)

No entanto, como aponta López (2015), essa cultura latina não apenas se hibridiza (mistura), mas também ressignifica os espaços que ocupa, criando novas expressões estéticas, como a literatura chicana e a niuyorriqueña, que mesclam tradições culturais e históricas latinas com a experiência de vida no exílio, contestando a hegemonia cultural da sociedade americana.

Esses textos, como o da literatura chicana, se destacam por sua linguagem híbrida, que faz uso do *Spanglish* ou *codeswitching*, representando a realidade linguística e identitária dos sujeitos latinos. Tal hibridez, ao desafiar as fronteiras do discurso nacionalista dos Estados Unidos, refletem a experiência de uma identidade cultural múltipla e dinâmica. Essa interseção entre identidade cultural e sexualidade é central no estudo de literatura de gênero, onde os sujeitos latinos se veem, simultaneamente, imersos nas marginalizações de suas etnias e nas normas heteronormativas que regulam suas sexualidades.

Em contos como *Huerfanita* (Telamantes, 2011) e *On the Line* (Vásquez, 2011), os personagens *queer* latino-americanos são confrontados com uma marginalização dupla, tanto por sua identidade sexual quanto por sua etnia. No caso das comunidades latinas nos Estados Unidos, marcadas por valores culturais, sociais e religiosos conservadores, a masculinidade latina, em particular, é construída de forma a excluir a identidade queer, dificultando a autoaceitação e a expressão sexual fora das normas heteronormativas. A análise dessas narrativas revela como o corpo, especialmente o corpo queer, se torna um campo de batalha simbólico em que as normas de gênero e sexualidade são constantemente contestadas e reconfiguradas.

No conto *Huerfanita*, por exemplo, o personagem Pablo rompe com as expectativas tradicionais de masculinidade ao escolher o rosa para sua festa de aniversário, demonstrando sua preferência por telenovelas e seu desejo de ser um dançarino da Madonna (Telamantes, 2011, p. 3). Esse gesto de rebeldia contra as normas de gênero torna-se um ato de resistência que questiona as expectativas familiares e sociais. Por outro lado, Emilio, de *On the Line*, também rompe com a lógica heteronormativa ao se apaixonar por seu amigo Danny, embora essa paixão seja mascarada por narrativas heterossexuais em sua vivência (Vásquez, 2011, p. 9).

Essas experiências de autoafirmação e resistência são confrontadas pelas figuras reguladoras dentro do núcleo familiar, como o pai de Pablo e a mãe de Emilio, que

utilizam a linguagem como um mecanismo de controle, reforçando as normas de gênero e sexualidade. Em *Huerfanita*, a expressão “¡Huerfanita estúpida!” (Telamantes, 2011, p. 2) e o uso do diminutivo na palavra “huerfanita”, que remete a uma infantilização da personagem, tornam-se dispositivos de controle que buscam desestabilizar as práticas transgressoras e forçar o sujeito a se adaptar às normas impostas. Já em *On the Line*, expressões como “¡Suciera del diablo!” (Vásquez, 2011, p. 14) associam a homossexualidade ao pecado, evocando discursos religiosos de autoridade.

A interseccionalidade, sendo utilizada como uma lente de análise que observa simultaneamente as dimensões étnica, cultural, de gênero e sexualidade, permite entender como essas identidades não existem de forma isolada. Como argumenta Hall, em seu conceito de “jogo das identidades”:

Essas mudanças das quais os indivíduos são obrigados a conviver na pós-modernidade fazem-lhes jogar o “jogo de identidades”. Isso significa que cada indivíduo em determinadas circunstâncias se posicionará de acordo com a identidade que melhor lhe convier, ou seja, aquela com que ele mais se identificar. Isso implica algumas observações: a) as identidades são contraditórias; b) as contradições atuam tanto dentro como fora da cabeça de cada indivíduo; c) nenhuma identidade é singular; d) a identificação não é automática, porém pode ser ganhada ou perdida. (HALL, 2014, p. 16)

Portanto, as expressões de gênero e sexualidade que não se alinham à heteronormatividade estão intrinsecamente ligadas à marginalização étnica. No contexto dos personagens queer latinos, isso significa que sua experiência não é apenas de opressão por uma identidade sexual “não-conforme”, mas por um processo de marginalização dupla, onde racismo, machismo, homofobia e xenofobia se reforçam mutuamente.

Assim, ao estudar as personagens estudos de gênero, sexualidade e diferenças latino-americanas representadas nos contos, podemos ver como as dinâmicas de regulação social e normatização cultural se utilizam dos próprios valores familiares e linguísticos da cultura latina para perpetuar a heteronormatividade. Isso reforça a ideia de que a interseccionalidade não deve ser vista como uma soma de opressões, mas como um ponto de convergência, onde essas opressões se entrelaçam e se potencializam.

Ao integrar os conceitos de literatura dos estudos de gênero, sexualidade e diferenças e interseccionalidade, podemos afirmar que a literatura de gênero latina, como a representada nos contos *Huerfanita* e *On the Line*, oferece uma rica reflexão sobre as identidades subalternas, que estão no ponto de interseção entre múltiplos sistemas de

opressão. Essas narrativas não apenas retratam as complexas experiências de sujeitos queer, mas também desafiam as normas sociais, familiares e culturais que buscam silenciar essas identidades. Ao fazer isso, elas não só ampliam as possibilidades da literatura de gênero, mas também contribuem para a ampliação da literatura periférica, oferecendo novas formas de resistência, expressão e autoafirmação.

Enquanto Emilio não chega a assumir seu desejo publicamente e perde Danny diante da pressão social, Pablo encontra libertação simbólica na morte acidental de Beto, percebendo que “*life would be better*”, na nossa tradução: “A vida, agora, seria melhor” (TALAMENTES, 2011, p. 8). Além disso, “Huerfanita” singulariza-se pelo cenário, onde toda a ação do conto ocorre: Juárez, cidade mexicana fronteiriça, marcada por violência de gênero e opressão social, reforça a atmosfera hostil e as práticas disciplinares que regulam normas de gênero (TALAMENTES, 2011).

Desse modo, conclui-se que a construção das personagens *queer* nos dois contos, em “Huerfanita” (TALAMENTES, 2011) e “On the line” (VÁSQUEZ, 2011) se assemelha na autopercepção identitária, ou seja, a forma como os personagens se percebem e se definem, é semelhante, mas diverge nos modos de enfrentamento da opressão. Em ambos, a família e a cultura latina atuam como principais agentes de normatização, utilizando elementos linguísticos e, em “Huerfanita”, o espaço geográfico, para reforçar a heteronormatividade.

Essas narrativas evidenciam o que Hall (2011) chama de “jogo das identidades”, no qual expressões de gênero e sexualidade marginalizadas se somam à marginalização étnica, resultando em sujeitos complexos e fragmentados, construídos a partir do heterodíscuso organizado artisticamente por seus autores.

Conclui-se então, que a interseccionalidade, ao vincular simultaneamente as dimensões étnica, cultural, de gênero e de sexualidade, revela que as experiências de sujeitos *queer* latinos nos Estados Unidos não podem ser compreendidas de forma isolada. Essas identidades são atravessadas por vários eixos de opressão, como, o racismo, machismo, heteronormatividade e xenofobia, que se reforçam mutuamente. Como demonstrado nas narrativas analisadas, a condição *queer* não apenas coexiste, mas se entrelaça à condição étnica, gerando um tipo de marginalização dupla (ou até múltipla), em que as práticas de regulação social se utilizam de elementos da própria cultura latina (como língua, valores familiares e religiosidade) para reforçar a heteronormatividade.

Assim, a interseccionalidade, nesse contexto, não é um mero somatório ou hierarquização de opressões, mas um ponto de convergência no qual essas opressões se potencializam e definem de forma intensa a vivência e a resistência desses sujeitos.

Embora *O céu para os bastardos* não seja uma obra *estudos de gênero, sexualidade e diferenças*, os estudos acerca do tema contribuíram para entender como “identidades minoritárias” são representadas literariamente. Esses referenciais podem ampliar o debate sobre pluralidade, dissidência e diferença no campo literário contemporâneo.

Lilia guerra e a literatura periférica como documento social

A obra *O céu para os bastardos*, de Lilia Guerra, apresenta uma narrativa complexa e profundamente marcada pelas dinâmicas de desigualdade, violência e resistência que atravessam a vida nas periferias urbanas. A narrativa é conduzida por Sá Narinha, uma mulher negra, pobre, moradora da periferia, mãe solo e trabalhadora doméstica em um espaço social distante daquele que ela habita. Ao acompanhar sua trajetória e as relações que estabelece, torna-se possível perceber como raça, gênero, classe, território e religião se entrelaçam, compondo camadas de opressão que estruturam sua experiência. Esses elementos, quando lidos por meio da interseccionalidade enquanto lente analítica, permitem compreender de forma mais profunda as desigualdades que atravessam a personagem e, consequentemente, a sociedade brasileira contemporânea.

A obra já foi analisada em diversos trabalhos acadêmicos, que a situam por vezes no campo da literatura periférica e da escrevivência, no sentido atribuído por Conceição Evaristo (2017).

Foi meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de Becos, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscava construir uma forma de escrevivência. [...] E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (Evaristo, 2017, p. 9).

Desde as primeiras páginas, a narradora nos conduz por um território marcado por inúmeras carências históricas: ruas sem asfalto, casas improvisadas, transporte precário e ausência de saneamento básico. Mais do que uma paisagem de abandono, trata-se de um cenário em que a pobreza estrutural se mistura ao descaso do Estado brasileiro. Como

lembra Crenshaw (1989), as opressões não atuam de forma isolada; elas se entrelaçam. No bairro retratado por Sá Narinha, conhecido e nomeado como "Fim-do-Mundo", a maioria das mulheres negras carregam sozinhas o peso de sustentar suas famílias, enfrentando não apenas a falta de recursos, mas também o racismo e o machismo institucionalizados (GUERRA, 2023).

— Sabe, seu Dionor, o dinheiro que os especialistas levam pra pesquisar as necessidades do povo e planejar melhorias é grosso. Mas não estão nem aí pra precisão dos miseráveis. Eles se locomovem em automóveis particulares, com toda a comodidade. Se eu pudesse, botava o prefeito, o governador e o entendedor que desenvolveu o gaiolão pra enfrentar o itinerário de ida e volta. Em pé! Equilibrando a sacola com a marmita, feito sardinha enlatada. Pedindo licença, levando pisão, aturando cara feia. Mas o negócio tinha que ser bem-feito. Sacudir os indecentes da cama de madrugada. Fazer cada um deles caminhar até o ponto de ônibus na rua sem iluminação ou ronda policial. Se pra um homem já fica difícil enfrentar essa condição, pra uma mulher é ainda mais perigoso. Mas não adiantava eles viverem a experiência por um dia, não. Nem por uma semana. Tinha que ser por, no mínimo, uns trinta anos. Aí, eu dava valor (GUERRA, 2023, p. 13-14).

Podemos compreender então, que nos primeiros capítulos, a autora insere o leitor em um contexto marcado pela pobreza estrutural e pelas múltiplas formas de violência, física, psicológica e social, que atravessam as personagens. A condição de classe é um marcador central: os “bastardos” do título não são apenas os filhos sem reconhecimento paterno, mas também aqueles que são “bastardizados” pela sociedade, pobres, negros, indígenas, mulheres, trabalhadores precarizados. Essa marginalização socioeconômica se entrelaça à raça, evidenciando assim, o racismo estrutural que define quem ocupa as posições de vulnerabilidade. A cor da pele opera como um marcador social que, em sociedades pós-coloniais, continua a determinar hierarquias e acessos a direitos.

Em diversos trechos, Lilia Guerra mostra histórias de violência doméstica e abandono, mostrando como o patriarcado e a dependência econômica condicionam a vida das mulheres. Ao mesmo tempo, a obra mostra como a religião, embora usada para naturalizar certas opressões, também atua como espaço de resistência e acolhimento comunitário.

As mulheres, sobretudo negras e pobres, são as mais afetadas. Personagens, como as vizinhas relatam abandono e violência doméstica, nos mostrando como o patriarcado e a dependência econômica reforçam o ciclo de opressão.

Entretanto, Lilia Guerra também dá visibilidade à resistência. A solidariedade entre vizinhos, a cultura popular e o afeto coletivo surgem como formas de insurgência.

Isso é evidenciado no Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Heloize Gonçalves Pinho (2023), apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás. Conforme o trabalho dedicado à obra, a escrita de Guerra nasce da experiência concreta da periferia e, por isso, constitui um ato de resistência política e cultural. Nesse contexto, o espaço social representado pela favela “Fim-do-Mundo” é descrito como território de abandono estatal, mas também como lugar de solidariedade comunitária, revelando as contradições da vida periférica.

As personagens femininas, sobretudo Sá Narinha, emergem como protagonistas de histórias atravessadas pelo racismo, machismo e pobreza. São fundamentais para a estrutura da obra. Elas não se restringem a posições de subalternização, são mulheres que, apesar das dificuldades e das injustiças sociais e afetivas, mostram força e resiliência. Ao examinarmos personagens como Sá Narinha e Regininha, podemos explorar como Guerra representa as complexidades das mulheres periféricas, que muitas vezes são confrontadas com a violência doméstica, o machismo e a desigualdade. Essa representação vai além do simples sofrimento e envolve também o empoderamento, as escolhas e as consequências dessas mulheres. A literatura de Guerra oferece uma visão multifacetada da mulher na periferia, tornando-a um agente de sua própria história.

Já os personagens masculinos, em contraste com as mulheres, na obra de Guerra são muitas vezes retratados como antagonistas, simbolizando o machismo e a violência. A análise das figuras masculinas, como o filho de Sá Narinha, Júlio César, pode ser aprofundada para discutir o comportamento tóxico e a construção da masculinidade dentro do contexto periférico. Guerra denuncia as relações de posse e controle, destacando como os homens perpetuam ciclos de abuso e violência. A obra também oferece uma crítica ao patriarcado, refletindo sobre como as expectativas sociais moldam o comportamento dos homens na periferia.

A resenha de Yasmim Dornelles (2023), vem também destacando a dimensão da “escrevivência” em *O céu para os bastardos*, posicionando Lilia Guerra na tradição de autoras, como Carolina Maria de Jesus. A personagem Sá Narinha, narradora e curandeira do bairro “Fim-do-mundo”, encontra na escrita um espaço de refúgio e resistência frente aos preconceitos de classe, gênero, raça e entre outros que a atravessa.

Como mostra a resenhista Dornelles (2023), mesmo diante do sonho de se tornar escritora, a personagem é reduzida à condição de empregada doméstica, revelando como, conforme aponta Davis (2016), a sociedade ainda associa as mulheres negras e pobres ao trabalho subalterno, “[...] as atitudes sociais predominantes continuam a associar a eterna condição feminina a imagens de vassouras e pás de lixo, esfregões e baldes, aventais e fogões, vasilhas e panelas (Davis, 2016, p. 226).

A obra também problematiza a maternidade sob o peso do patriarcado: Sá Narinha enfrenta a dor de ser mãe de um agressor, utilizando a escrita para elaborar sua raiva e vergonha. Ao recordar a impossibilidade do batismo do filho e a existência de um “céu para os bastardos”, Guerra expressa como até mesmo a religião pode reforçar mecanismos de exclusão, ao mesmo tempo em que simboliza a busca por um espaço de dignidade para os marginalizados, pois a expressão “céu para os bastardos” pode ser compreendida como símbolo da busca por um lugar de acolhimento e dignidade para os excluídos.

-- Abranda esse coração, minha irmã. Ele vai morrer um dia como qualquer um de nós. Mas eu não acredito que Deus possa condenar assim um inocente. Se o Júlio é pagão, não é por culpa dele. O que se pode fazer se não leva o nome do pai no documento? Deve existir um espaço no céu destinado aos pagãos. Aos bastardos. É muita gente, mira. Muita gente. (Guerra, 2023, p. 125).

Guerra, ao abordar essas questões com a personagem de Sá Narinha, nos convida a refletir sobre os estigmas que cercam os indivíduos e as famílias das periferias, onde a ausência de um nome, de um reconhecimento formal, um abandono dos pais, entre outras experiências, muitas vezes define a vida e as perspectivas de um ser humano. Assim, a resenha confirma a relevância da obra como literatura de resistência, ao evidenciar múltiplos marcadores sociais de desigualdade atravessando suas personagens.

A metodologia desta pesquisa não se limita à articulação teórica entre História e Literatura apresentada na introdução. Aqui, ela se concretiza por meio da leitura integral da obra, da seleção de passagens significativas e da análise crítica baseada na interseccionalidade como lente interpretativa. O procedimento adotado envolveu o diálogo sistemático com autoras e autores que discutem raça, gênero, classe e território, além da comparação entre interpretações presentes em dissertações, TCCs e resenhas dedicadas à obra. Assim, a metodologia operou como um instrumento para examinar, na narrativa de Guerra, a articulação entre opressões múltiplas e formas de resistência, evitando repetições teóricas e priorizando a análise do texto literário.

A pesquisa foi concluída com a sistematização dos dados e uma análise crítica que contemplou tanto os aspectos internos da obra quanto suas relações com o contexto histórico e social mais amplo.

O céu para os bastardos revela que a desigualdade no Brasil é histórica e estrutural, com as mulheres negras ocupando a base da pirâmide social. A periferia é marcada por preconceitos estabelecidos. A obra também evidencia que o racismo e o patriarcado se alimentam mutuamente, e que a exploração econômica atravessa o cotidiano das classes populares. Guerra, ao retratar a realidade das periferias, revela que essas opressões não são desvios ou exceções, mas sim a regra, intrínsecas à estrutura social e política brasileira.

A literatura de Lília Guerra atua como uma voz subalternizada, mesmo silenciado pelas estruturas de poder. A escrita de Guerra é um mecanismo de ruptura desse silenciamento, pois coloca as mulheres periféricas como protagonistas, permitindo que a favela deixe de ser apenas objeto de estudo e passe a ser sujeito de fala. A narrativa reconfigura quem pode produzir conhecimento sobre si, dando poder àquelas figuras históricas que foram desconsideradas e silenciadas.

O amor, a união e o cuidado são como práticas de resistência política, e esses elementos estão presentes de forma constante na obra de Guerra. As relações de apoio e solidariedade entre as personagens, especialmente as mulheres, se configuram como práticas de resistência contra as opressões de gênero, classe e raça. Guerra, assim, vai além da representação de sofrimento, oferecendo também possibilidades de cuidado, empoderamento e resistência nas relações cotidianas.

A escrita de Lília Guerra posiciona mulheres negras no centro da narrativa, rompe com modelos literários hegemônicos elitizados e ressignifica a periferia não como um lugar de atraso, mas de vida e resistência.

A obra também tem implicações profundas para os debates sobre democracia e justiça social. Ela mostra que, sem enfrentar as desigualdades estruturais, não há democracia plena. A escuta das vozes marginalizadas é um requisito essencial para a construção de uma justiça social real, e a interseccionalidade como ferramenta analítica, se torna indispensável para a formulação de políticas públicas eficazes. Além disso, a literatura é apresentada como uma ferramenta de consciência histórica, fundamental para

a compreensão das realidades sociais e para a transformação das estruturas que sustentam as desigualdades.

Assim, a obra *O céu para os bastardos* ilumina camadas profundas da realidade brasileira, desafia a narrativa oficial e dá visibilidade a vozes marginalizadas. A história em diálogo com a obra de Lília Guerra serve como um forte e eficaz testemunho da resistência e da luta pela justiça social através da literatura, propondo assim, uma reflexão crítica sobre as opressões que atravessam a sociedade e oferecendo um novo olhar sobre a periferia, a mulher negra e as desigualdades estruturais que persistem no Brasil contemporâneo.

Considerações finais

A análise da obra *O céu para os bastardos*, de Lilia Guerra, permitiu compreender como a literatura periférica contemporânea constitui como uma importante ferramenta de denúncia, reflexão e reconstrução simbólica da realidade brasileira. A partir da perspectiva da interseccionalidade, evidenciou-se que as personagens, sobretudo as mulheres negras e periféricas, vivenciam opressões simultâneas e estruturais que não podem ser compreendidas de forma isolada.

A obra expõe, de maneira contundente, como raça, gênero, classe e territorialidade se articulam na produção de desigualdades históricas. Ao mesmo tempo, evidencia práticas de resistência, solidariedade e afeto que possibilitam sobrevivência e reinvenção das existências subalternizadas. Essas práticas desafiam a lógica da desumanização estrutural e revelam a capacidade de agir desses sujeitos, mesmo diante de um cenário de violências cotidianas.

A relação entre História e a Literatura, em diálogo na obra de Guerra, reafirma o papel da literatura como documento social e instrumento crítico, alinhando-se aos estudos da história sobre a função social da literatura. Ela ilumina processos que frequentemente permanecem invisíveis nas narrativas hegemônicas sobre o Brasil, além de problematizar silenciamentos, epistemicídios e apagamentos históricos.

Conclui-se, portanto, que a interseccionalidade é uma ferramenta importante e essencial para compreender tanto a estrutura das desigualdades retratadas na obra quanto a capacidade e força política da escrita de Guerra. Ao representar as experiências de

mulheres negras periféricas, a autora articula crítica, sensibilidade e denúncia, contribuindo para o fortalecimento dos debates contemporâneos sobre racismo, sexismo, desigualdade, democracia e justiça social.

Desse modo, esta pesquisa demonstra que a história, literatura e teoria crítica, quando articuladas, possibilitem novas formas de compreensão da sociedade brasileira e podem inspirar caminhos para a transformação social.

Referências

GUERRA, Lilia. **O céu para os bastardos**. São Paulo: Todavia, 2023.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, vol. I)

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSFOGUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. **Roda educativa**, 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4cpNuVWQ44E>. Acesso em 3 dez. 2025.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DORNELLES, Yasmim. **Lilia Guerra. O céu para os bastardos**. São Paulo: Todavia, 2023.

DUARTE. Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica de Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: Editora da PUC/Rio; Apicuri, 2016.

hooks, bell. **Olhares negros – raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

JAMESON, Fredric. **Arqueologias do futuro**: o desejo chamado Utopia e outras ficções científicas. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

PINHO, Heloize Gonçalves. **A literatura periférica de Lília Guerra: uma análise da obra *O céu para os bastardos***. 2023. Artigo Científico (Letras - Portugues - Ingles). Universidade Estadual de Goiás, Campos Belos-GO, 2023.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.